

## A Interatividade e a Aprendizagem Colaborativa como Dispositivo Avaliativo na EAD<sup>1</sup>

Renata Araújo<sup>2</sup>  
Sérgio Paulino Abranches<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### Resumo

O presente artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento e discute a avaliação na educação à distância, temática complexa e que vem sendo amplamente debatida na academia, e que ainda caminha para uma consolidação nesta nova maneira de fazer o ensino aprendizagem. A legislação no que tange à avaliação na EAD é reducionista e prevê que esta seja concretizada através de prova presencial, a qual recebe maior peso em comparação com as atividades realizadas virtualmente pelos discentes, o que de fato é incoerente com os preceitos sócio-constructivistas que embasam o fazer pedagógico nesta modalidade educativa. Assim sendo, discutiremos no cenário da EAD, como a avaliação está sendo concebida e colocada em prática neste e apontando a interatividade e aprendizagem colaborativa como nortes para uma mudança paradigmática na forma de praticar a avaliação na EAD.

### Palavras-chave

Interatividade; Aprendizagem Colaborativa; Avaliação; EAD.

### Abstract

This article is part of a master's research in progress and discusses the evaluation in distance education, and complex issue that has been widely debated in academia, and still goes to a consolidation in this new way of making teaching and learning. The legislation regarding the assessment in EAD is reductionist and expects this to be achieved through face-face, which receives greater weight in comparison to the activities carried out virtually by students, which in fact is inconsistent with the precepts that socio-constructivist to underpin the teaching in this educational modality. Therefore, we discuss the scenario of EAD, as the evaluation is being designed and applied in this and pointing interactivity and collaborative learning as a paradigm shift to North in the form of practice evaluation in EAD.

### Key words

Interactivity, Collaborative Learning, Assessment, EAD.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição”, do IV Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Pedagoga e Especialista em Psicologia na Educação (UFPE), Docente do ensino fundamental da Prefeitura da cidade do Recife e Mestranda em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE - EDUMATEC: e-mail: renatakellyead@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Centro de Educação da UFPE: e-mail: sergio.abranches@gmail.com

## INTRODUÇÃO

No decorrer de todo o processo de desenvolvimento da humanidade as tecnologias se fizeram presentes demarcando cada momento histórico pelos avanços que estas proporcionaram. Atualmente, com a globalização e o advento das tecnologias da informação e comunicação nos encontramos na Era Digital, a qual faz emergir novos arranjos em todos os setores sociais. No âmbito do educativo, o qual centraremos nosso olhar, o lugar do aprender, que na construção coletiva da sociedade se institucionalizou como escola, é ressignificado e expandido para o ciberespaço possibilitando uma nova forma de se fazer e se pensar o educar através da educação à distância.

A educação à distância é uma modalidade de educação em que os agentes estão separados fisicamente, contudo interconectados mediante as inúmeras tecnologias de comunicação. Apesar de ter sido criada efetivamente em meados do século XIX, na última década apresenta uma explosão de crescimento como nova modalidade de ensino no Brasil e no mundo. A Universidade Aberta do Brasil (UAB) é um modelo de educação à distância para o ensino superior que foi criada em 2005 mediante a formação de consórcios entre instituições de ensino superior, estados e municípios e Ministério da Educação.

Através da experiência como tutora em diversas disciplinas e como professora executora de uma disciplina, pude perceber contradições que desafiam a prática como docente. Os chats e fóruns eram as únicas ferramentas utilizadas como forma de avaliação que considera a interatividade e aprendizagem colaborativa. Os alunos pouco interagem no ambiente, muitos não realizavam as atividades propostas, não colocavam suas contribuições nos fóruns e muito menos participavam dos chats, apesar da mediação pedagógica estar ocorrendo de forma motivante, coerente e constante.

Refletindo acerca das possibilidades que ocasionavam este fenômeno, percebemos que um dos entraves que perpassam a consolidação da educação à distância está no significado da avaliação do ensino aprendizagem. Os momentos presenciais possuem maior carga valorativa no avaliar docente em relação ao espaço possibilitado para a interação e a aprendizagem colaborativa no ambiente, desmotivando, possivelmente, os discentes à participação nestes.

As práticas avaliativas ainda estão imbuídas do tradicionalismo e da formação behaviorista que vivenciamos, um fator preocupante quando se trata da reprodução desta práxis nos cursos de licenciatura, que é o berço formativo dos futuros educadores. Apesar de a legislação educacional considerar que a avaliação seja por meio de exame e de forma

presencial não deve nos impossibilitar de pensar e concretizar novas formas de avaliação à distância. Uma nova forma de conceber o educar requer práticas avaliativas condizentes com este propósito.

A partir de inovadoras e diversas ferramentas que possibilitam a interatividade nos ambientes virtuais é possível conceber a avaliação por um prisma formativo, processual ao ensino aprendizagem, que além de se concretizar como uma possibilidade mais coerente com esta nova modalidade educativa pode motivar os alunos a participarem no ambiente e construir colaborativamente o conhecimento.

A interatividade e a aprendizagem colaborativa são favorecidas pelas diversas ferramentas tecnológicas existentes e podem ser um meio mais pertinente de avaliar o aprendizado dos discentes nos cursos de licenciatura à distância. Contudo, elas estão sendo subutilizadas em virtude de ainda se priorizar os modos tradicionais de se conceber a avaliação pelos docentes, o que vai de encontro aos preceitos sócio-construtivistas que embasam a constituição da EAD.

Neste sentido, iremos neste texto buscar refletir sobre esta questão polêmica e inquietante que é o avaliar na EAD como forma de repensar as lacunas que se colocam para uma práxis avaliativa consoante a esta modalidade de ensino, para que possamos caminhar nesta direção. Desta forma, o delinear do texto perpassa o cenário da educação à distância, adentrando a questão das concepções avaliativas e a posteriori a avaliação no contexto da EAD com suas problemáticas iminentes. Ao final, trazemos à discussão a interatividade e a aprendizagem colaborativa como dispositivo avaliativo que podem consolidar uma mudança paradigmática na forma de se colocar em prática a avaliação à distância.

### **Educação à Distância - Conceitos e considerações**

O advento dos recursos tecnológicos bem como a globalização concretizaram uma transformação conjuntural em todas as instâncias da sociedade, e a educação, sendo responsável pela formação do cidadão e disseminadora de cultura, é diretamente influenciada por estas inovações. A sociedade digital marcada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação faz emergir uma nova realidade educativa, modificando as formas de atuar dos agentes envolvidos neste processo e a própria concepção do que se denomina educação.

Esta mudança na maneira como nos comunicamos, com a criação de redes de comunicação digital, possibilita novas formas de interagir e de construir conhecimento. Em

consequência, formas tradicionalistas de ensino, que se concretizaram como modelo educativo, não comportam os objetivos desta nova sociedade que requer cidadãos críticos, atuantes e que saibam lidar com as constantes mutações sociais e informacionais. Emerge desta nova realidade social, a partir do término do século XIX e início do século XX, uma nova modalidade de ensino, a Educação à Distância, a qual é conceituada por Alves (2003, p. 3) como “uma das modalidades de ensino-aprendizagem, possibilitada pela mediação dos suportes tecnológicos digitais e de rede, seja esta inserida em sistemas de ensino presencial, mistos, ou completamente realizada por meio da distância física”.

Permanecendo no olhar sobre esta nova forma de se promover o educar, a definição de educação à distância em Maia (2007, p. 6) é considerada como “uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação”. Faz-se relevante pontuar que o sentido de separação fomentado pelo autor se refere ao espaço físico, pois docentes e discentes estão em completa sintonia e ligação virtual.

Esta possibilidade de educar sem barreiras geográficas, onde o espaço e o tempo de ensinar não são delimitados, apresenta-se como uma possibilidade de democratização e acesso ao conhecimento, onde pessoas que estão impossibilitadas por diferentes motivos, sejam estes por questões geográficas ou mesmo de ordem pessoal, passam a ter a oportunidade de estudar de modo oficial. Em contrapartida, ela pode ser também um modo de acirrar as desigualdades, uma vez que ainda são inúmeras as pessoas que não têm acesso a estas novas tecnologias, os excluídos digitais.

A Educação à Distância é uma nova forma de perceber, de se pensar, de se fazer educação; assim, tomando a perspectiva teórica a partir do construtivismo proposto por Vygostky, o processo de aprendizagem é considerado como ponto fundamental e a interação e a aprendizagem colaborativa são os meios que encaminham ao conhecimento.

Apesar de em seu discurso filosófico de ensino aprendizagem adentrarmos um olhar da educação à distância como forma de interaprendizagem, de construção coletiva e contínua dos conhecimentos, a maneira como se tem materializado o processo de avaliação ainda está impregnada de formas tradicionalistas. Como termômetro avaliativo de maior peso se encontra a prova presencial, como fator que vai medir realmente o que o discente aprendeu neste processo.

No sentido de buscarmos entender esta dicotomia supracitada, é necessário adentrarmos o contexto da avaliação no cenário educativo, as concepções subjacentes

presentes na discussão do avaliar na EAD e de como esta têm sido pensada e posta em prática pelos docentes de tal modalidade.

### **Avaliação da aprendizagem - Conceitos**

Quando falamos de avaliação, vemos que historicamente ela tem o sentido de controle e encaminhamento dos sistemas educacionais, consolidando-se como um sistema de poder que atende a interesses diversos. Observando o cenário educativo poderíamos nos indagar: que motivações fizeram a avaliação se colocar no centro das discussões sociais de forma tão permanente? Esta inquietação é posta por Vianna (2000, p. 22-23) que nos diz que a mesma sempre existiu se tomarmos como verdade a assertiva de Stake de que o homem observa, o homem julga, isto é, avalia. Porém, segundo o autor, a discussão sobre avaliação se coloca como central nos dias atuais devido ao fato de que

As grandes agências financiadoras nacionais e internacionais são, em parte responsáveis pelo desenvolvimento que a avaliação vem tendo...Os altos financiamentos exigem, necessariamente, um projeto de avaliação que demonstre resultados em termos de custo-benefícios.

A partir desta asserção podemos perceber que avaliação, com sua forte repercussão e pressão social, está interrelacionada às políticas públicas que têm como retórica a visão do cenário escolar global e controle sobre este, a partir dos resultados obtidos pela avaliação, como forma de se obter uma educação de qualidade.

A temática da avaliação é muito complexa, uma vez que envolve uma gama de influências de ordem filosófica, social, econômica, educacional e política e só conscientes destas esferas é que podemos compreender as configurações circunscritas na realidade atual, onde avaliação está imbricada ao termo medida, tanto no ensino presencial como no caminho trilhado por esta na educação à distância, o que se demonstra discrepante.

A concepção do termo avaliação não é unívoca, ela varia de acordo com os paradigmas epistemológicos que a direcionam. Assim, a avaliação pode ser vista por dois primas: sob a abordagem conservadora e a transformadora, cada qual com suas nuances e formas diferenciadas de consolidar as práticas educativas.

Em relação à abordagem conservadora, oriunda do paradigma positivista, temos como tipologias o behaviorismo e a matriz psicométrica, em que como exemplos emergem os modelos de Tyler (1960), com a pedagogia por objetivos, e Scriven (1967) com a avaliação

dos programas educacionais, ambos com a seguinte filosofia apontada por Cruz e Cavalcante (2008, p. 49):

O sentido da avaliação assume o caráter classificatório baseado na quantificação e nos resultados, a partir da medida de acerto e erros...Embora a perspectiva, nesta posição, seja a de busca pela cientificidade, o sentido predominante é o de fragmentação, no qual se vê o todo pelas partes...A avaliação volta-se exclusivamente à dimensão cognitiva e conteudista e funciona no sentido sentencioso.

Neste olhar, a avaliação acaba se concretizando como medição, de forma tecnicista, autoritária, objetiva e experimental, onde por um olhar unívoco do processo de ensino aprendizagem, através de uma prova, um momento específico e final se pudesse obter um retrato fiel de todas as construções desenvolvidas pelo discente. A prática educativa se materializa por uma relação diferenciada entre docente, que é o detentor do saber, e o discente, que é passivo, receptor, memorizador dos conhecimentos depositados pelo professor, concretizando uma educação bancária, segundo olhar de Paulo Freire.

Em contraposição, situamos a abordagem transformadora, refletida pelo paradigma sócio-histórico, no qual temos como exemplos o modelo cognitivista, o de Stake (1960), com a avaliação responsiva, e o de Stufflebeam (1971), com a avaliação iluminativa, e neste sentido Cruz e Cavalcante (2008, p. 52-53) colocam que a avaliação

É concebida, portanto, centrada na perspectiva formativa e reguladora das aprendizagens significativas. Os eixos da prática avaliativa, nesta configuração, se respaldam na mediação e no diálogo, entendidos enquanto processos personalizados de intermediação das aprendizagens, assim como, a prática educativa é entendida enquanto práxis, porque envolve simultaneamente ação-reflexão-ação.

Desta maneira, o fenômeno avaliativo se dá de forma qualitativa/quantitativa, flexível, subjetiva, mediadora, processual ao ensino aprendizagem, onde não percebemos a dicotomia apontada por Hoffman (1996, p. 16) entre educação e avaliação ocorrendo em tempos diversos, mas ambas caminhando juntas. A avaliação é um processo de dupla aprendizagem (HOFFMAN, 1996; MÉNDEZ 2002), tanto para os docentes, que acabam por repensar suas estratégias, objetivos pré-definidos em prol da aprendizagem do aluno, como para este é também um momento de perceber como está se dando o seu desenvolvimento, através da autoavaliação e metacognição. Assim, a prática educativa é concebida por uma relação dialógica entre docentes e discentes que trocam conhecimentos, crescem juntos.

A avaliação tem funções diferenciadas (diagnóstica, formativa, somativa) em cada momento do processo de ensino aprendizagem. Na função diagnóstica, ela objetiva ter um parecer inicial de como está a turma, dos conhecimentos que cada aluno possui, servindo assim para direcionar o início de um trabalho e, portanto, o docente pode escolher os caminhos que serão percorridos de forma coesa. Na função formativa, a avaliação se concretiza no caminhar da disciplina, possibilitando compreender a forma como o aluno está se desenvolvendo e o que precisa ou não ser modificado para propor aprendizagens significativas. E, por fim, com a função somativa, proporcionando um parecer final das aprendizagens e toda a evolução que o aluno alcançou.

As práticas avaliativas têm se consolidado com ênfase na função somativa, onde se mede e classifica os indivíduos, caracterizando-se de forma excludente, contrária aos princípios de um processo educativo humanizador, onde cada pessoa é única e possui estilos de aprendizagem, formas de expressão e tempos de aprender diversos. Não estamos a defender um abandono da prova presencial característica do olhar proposto pelo viés somativo, mas de pontuar que o avaliar precisa considerar as múltiplas funções avaliativas, ser processual ao ensino aprendizagem e direcionar este, principalmente quando nos remetemos a EAD, que é uma forma nova de se consolidar a educação baseada no paradigma construtivista, nos preceitos do aluno agente, construtor do seu saber e por tal a interatividade e a aprendizagem colaborativa como possibilidades de acompanhamento destes no mundo virtual.

O problema da avaliação é esta ser pontuada em um momento único, como se este pudesse abarcar o emaranhado de construções desenvolvidas pelos discentes ao longo do processo de ensino aprendizagem. Um retrato finalista deste não corresponderá ao objetivo maior da avaliação, que é acompanhar o aluno em todo o seu processo de aprendizagem, ser um filme de suas evoluções e direcionadora do desenvolvimento para mais aprendizagens significativas e assim a importância de discutirmos esta questão no foco inovador da EAD.

### **Avaliação na EAD - Concepções e práticas**

A Lei 9394/96-LDB no item V do capítulo 24, concernente à Educação Básica, defende como princípio avaliativo a avaliação de cunho processual no ensino aprendizagem. Contudo, o Decreto 5.622 de 2005 no seu artigo 4 versa sobre o modo de se avaliar em educação à distância no sentido oposto:

A avaliação do desempenho do estudante, para fins de promoção, conclusão de estudos ou obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo mediante cumprimento das atividades programadas e realização de exames presenciais.

Em mesmo decreto, na alínea dois, ressalta que os resultados dos exames presenciais deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de educação à distância. Deste modo, um dos entraves que perpassam a consolidação da educação à distância se encontra neste processo de avaliação do ensino aprendizagem.

A legislação educacional é limitante e não reconhece a educação à distância em suas especificidades, tentando transpor o modo tradicional nesta modalidade, legitimando esta postura como forma de diminuir as incertezas da autoria do discente. Esta fragmentação do processo de aprendizagem do avaliar propõe uma ruptura segundo Alves (2003, p. 132):

Com a flexibilidade do espaço, uma vez que os exames devem ser prestados presencialmente. Também se rompe com a flexibilidade do tempo, uma vez que os alunos devem sincronizar seu ritmo de estudos aos prazos definidos... é considerada ainda a ruptura em temas de linguagem, multimidiática no caso dos sistemas EAD, em contraposição a práticas de avaliação centradas na expressão escrita, com base em instrumentos e técnicas alheios ao percurso da formação.

A avaliação pode ser considerada mediante dois primas que convergem para práticas e resultantes distintos como afirmado por Luckesi (2006, p. 35):

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência.

A forma como a avaliação está sendo concebida e proposta está impregnada de resquícios classificatórios, o que vai de encontro ao próprio conceito de educar à distância. Esta vertente avaliativa visa promover a classificação dos alunos, ela tem um fim em si mesma e considera apenas os aspectos quantitativos. Neste sentido, a avaliação “tem função classificatória e burocrática, e persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de parcelarização do conhecimento” (HOFFMANN, 1996, p. 19). Assim, o verdadeiro sentido de avaliar inexistente; ao invés de ser um instrumento para diagnosticar o que os discentes atingiram e os obstáculos que ainda existem e precisam ser superados, torna-se uma forma de oprimir e registrar resultados.



A discussão da avaliação na EAD é algo muito sério, uma vez que muitos discentes mesmo não interagindo nas ferramentas dos ambientes virtuais, não participando das atividades virtuais propostas, ausentes dos diálogos e construções colaborativas travadas no decorrer do curso, acabam realizando as provas e obtendo, do mesmo modo, a aprovação. Desta forma nos indagamos: onde está o sentido de se educar à distância? Apenas na filosofia e esvaziada da prática? Para que interatividade e aprendizagem colaborativa se estas não são consideradas na avaliação e se os discentes parecem perceber que os momentos avaliativos presenciais são o que importam? Estamos voltando para a Era inicial da EAD ou para o findar desta modalidade?

Neste sentido, a avaliação, que deveria se dar ao longo do processo através da interação e da aprendizagem colaborativa nos ambientes de aprendizagem, acaba desfavorecendo estas, como nos fala Moran (2003, p. 163):

Com efeito, muitas vezes o que acontece é a perda de todo um trabalho docente inovador por não se cuidar coerentemente do processo de avaliação, ou de outras palavras: perde-se todo trabalho novo porque a avaliação é feita de modo mais tradicional e convencional do que se conhece.

Percebemos a importância de o educador ter uma práxis coerente com a nova concepção do educar à distância. Segundo Cortellazzo (2006), dependendo das concepções que se têm do ensino, aprendizagem, conhecimento e pesquisa, o ambiente de aprendizagem virtual pode ou não se tornar um espaço de interação, cooperação e colaboração. A avaliação nos cursos à distância precisa ocorrer de maneira formativa, que, segundo Perrenoud (1996, p. 78), é “toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso”.

Os ambientes virtuais de aprendizagens possuem diversas ferramentas, como chats, fóruns, diários de bordos dentre outras que podem viabilizar este acompanhamento processual do desempenho do aluno. Através dos registros dos alunos nas ferramentas, que ficam gravados nos AVAS, o docente pode conhecer mais profundamente seu aluno, perceber o seu estilo cognitivo, sua forma de se colocar e construir o saber, enfim, pode avaliar seu processo de desenvolvimento e a partir daí realizar as regulações necessárias, sendo assim a avaliação um instrumento da mediação. É fato que o avaliar formativo requer nova dinâmica de trabalho em aspectos multifacetados e amplos, de todos os sujeitos atuantes na EAD, e um deles é o do docente, que terá uma tarefa árdua, uma vez que os ambientes virtuais fornecem dados

quantitativos e, por conseguinte, o refinamento qualitativo fica a cargo do professor. De tal modo, pressupõe-se que para a efetivação deste novo modelo de avaliação se necessite um menor quantitativo de alunos por sala de aula virtual, o que é uma realidade desconexa e distante a lógica atual da EAD, do ensino de massa.

Estão sendo produzidos e testados agentes inteligentes e de interface que são softwares para auxiliar o trabalho docente no âmbito qualitativo, que possam filtrar mensagens significativas de acordo com as necessidades, mas isto é algo que poderemos nos utilizar em um futuro próximo. Contudo, não podemos deixar de pensar e buscar pôr em prática na atualidade uma avaliação formativa em EAD através da interatividade e aprendizagem colaborativa que está no cerne de sua construção e que pode ser um norte para avaliarmos em consonância com a filosofia inerente a esta.

### **A interatividade e Aprendizagem Colaborativa - Novos olhares para avaliar na EAD**

O termo interatividade apresenta múltiplos olhares, onde alguns autores enveredam pela confluência entre interação e interatividade enquanto outros pela divergência entre ambos. Dentro da prerrogativa de convergência dos termos, que é a que consideraremos neste trabalho, nos diz Silva (2002, p. 99):

Interação comporta pelo menos três interpretações: uma genérica (a natureza é feita de interações físico-químicas ou, nenhuma ação humana existe separada da interação), uma mecanicista linear (sistemática) e uma marcada por motivações e predisposições (dialética interacionista). O termo interatividade foi posto em destaque para especificar um tipo singular de interações e tal se justifica pelo fato de o campo semântico do termo ser tão vasto que não comporta especificidades, singularidades.

A interatividade apesar de considerada como similar ao termo interação tem suas especificidades. Na visão de Silva (2002, p. 100), participação-intervenção; possibilidade do indivíduo modificar, intervir nas mensagens significativamente; bidirecionalidade-hibridação; no sentido da não existência de fronteiras entre emissor e receptor, é co-criação, os pólos de comunicação codificam e decodificam as mensagens; potencialidade-permutabilidade; visto como a possibilidade, liberdade para combinar informações e produzir narrativas possíveis, múltiplas redes articulatórias de conexões ; são os três binômios que imbricados fundamentam a interatividade.

O termo interatividade é colocado por Lévy (1999, p. 79) como “a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”. A partir deste olhar vemos que é um processo que envolve a participação, ação do sujeito, o que converge para o olhar de Faria (2006, p. 58) que coloca a interatividade como “abertura para mais comunicação, mais trocas, mais participação, predisposição do sujeito a falar, ouvir, e argumentar, é cooperação”.

Desta forma, a partir de todo o acompanhamento do discente nas interações estabelecidas com as inúmeras ferramentas disponíveis nos cursos de licenciatura à distância, que remete à ação sobre o saber, participação e criação de conhecimento, pode ser um dispositivo de avaliar processual que coaduna com esta modalidade de ensino. Contudo, é necessário que o docente, como no diz Paulo Freire (1996), tenha uma constante reflexão crítica sobre o seu fazer pedagógico, pois “em sala de aula online, docente e discentes podem subutilizar as potencialidades do ambiente digital e da internet se não compreenderem o conceito complexo da interatividade” (SILVA, 2006, p. 28).

A aprendizagem colaborativa se concretiza como outra forma de se propor a avaliação formativa, pois o estudo compartilhado, interativo com os outros sujeitos possibilita um aprendizado com múltiplos olhares, tornando o processo de aprender mais motivador pela construção coletiva. O movimento de idas e vindas de pensamentos compartilhados, construídos coletivamente através dos fóruns, chats, atividades colaborativas, constituem-se como de grande riqueza, pois faz com que a aprendizagem seja mais que um processo dialético, mas principalmente significativo para cada ator do saber. Acerca da aprendizagem colaborativa afirma Lucena (2006, p. 369):

Na aprendizagem colaborativa, o aprendiz é o responsável pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem dos outros membros do grupo. Os aprendizes constroem conhecimento através da reflexão a partir da discussão do grupo. A troca ativa de informações instiga o interesse e o pensamento crítico, possibilitando os aprendizes alcançarem melhores resultados do que quando estudam individualmente.

As práticas avaliativas mesmo sendo refletidas de forma crítica pelos docentes e defendida com em uma perspectiva progressista, processual, acabam que, por ser contraditória “entre o discurso e a prática de alguns educadores e principalmente a ação classificatória e autoritária, encontram explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua estória de vida como aluno e professor” (HOFFMAN, 1991, p. 12).

Para modificarmos esta forma de se constituir a avaliação da aprendizagem segundo Hoffman (1991, p. 28) é necessário

Compreender e reconduzir a avaliação numa perspectiva construtivista e libertadora exige, no meu entender, uma ação consensual nas escolas e universidades no sentido de revisão do significado político das exigências burocráticas dos sistemas municipais, estaduais e federais de educação.

O docente necessita compreender que avaliar é um mecanismo de ação e reflexão de sua prática e esta compreensão deve ser compartilhada e vivenciada por cada um dos sujeitos atuantes em EAD, pois apenas desta forma podemos almejar uma mudança significativa no fazer avaliação. Acerca do sentido maior da avaliação, nos fala Carvalho (2006, p. 38):

O sentido da avaliação é compreender o que se passa na interação entre o quê e como se ensina e o quê e como se aprende para uma intervenção consciente e melhorada do (a) professor(a), refazendo seu planejamento e seu ensino e para que o aprendente tome consciência também de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de superação.

O momento avaliativo precisa e pode ser realizado durante o processo de aprendizagem dos discentes, mediante as interações que este realiza no ambiente virtual, as atividades elaboradas individual e coletivamente, as participações nos chats, fóruns, videoconferência, webquest, diário de bordo, seminários on-line e listas de discussão entre diversas outras ferramentas disponíveis. Em relação a estas nos fala Lucena (2006, p. 372): “os docentes não sabem o que fazer com estas ferramentas, que acabam não sendo integradas às atividades curriculares” e não sendo consideradas no processo avaliativo.

Continuar efetivando uma prática avaliativa desconexa com o conceito de educação a distância é o mesmo que desconsiderar seu espaço no cenário formativo e colocá-la como educação de segunda categoria. Precisamos refletir qual o sentido oculto no discurso da lei de não permitir uma prática avaliativa formativa se levantando como problema a autoria do discente de EAD. Será que a questão do burlar as avaliações pelos discentes é especificidade desta modalidade? É evidente que não, uma vez que é anterior a esta, tal como os espaços educativos tradicionais. Contudo, não estamos a negar a importância da discussão da autoria em EAD e em como validar esta, mas já conseguimos vislumbrar que as tecnologias e ferramentas diversas existentes nos AVAS aliadas a um acompanhamento qualitativo e contínuo docente podem ser uma direção para garantir esta autoria online dos discentes.

O ambiente de aprendizagem pode se consolidar como um parangolé<sup>4</sup> de possibilidades de interação, de co-criação permitidas pelas ferramentas existentes nestes e pelo direcionamento do trabalho docente. Se a estrutura técnica, ferramentas tecnológicas e pedagógicas convidarem cada discente a “abandonar sua posição de mero observador e participar da criação da obra” (SILVA, 2002, p. 117), teremos uma verdadeira educação à distância e poderemos concretizar novas formas de avaliar.

Deste modo, a interatividade e a aprendizagem colaborativa possibilitadas por estas ferramentas tecnológicas dos ambientes virtuais são poderosos dispositivos que podem possibilitar uma mudança de paradigma avaliativo na educação à distância. Em contrapartida, como afirma Silva (2006, p. 23), se o docente não quiser subutilizar estas potencialidades próprias do digital online e desejar sair do equívoco do avaliar tradicional, ele precisa ir à busca de renovadas práticas e redimensionar suas concepções acerca do aprender e avaliar.

De tal maneira é de fundamental relevância refletir como os cursos de licenciatura à distância integram a interatividade e a aprendizagem colaborativa como elementos da avaliação da aprendizagem, para percebemos as lacunas que ainda se colocam para a efetivação deste novo paradigma avaliativo, maximizarmos a utilização das diversas ferramentas disponíveis, que até então têm sido subutilizadas pelos docentes e concretizarmos outras possibilidades de se pensar e conceber a avaliação na educação à distância, as quais respondam coerentemente às necessidades deste contexto educativo.

Na medida em que estamos lidando com a formação de educadores não podemos perpassar práticas avaliativas retrógradas e incoerentes com a nova realidade educacional e a efetivação de uma educação humanizadora. É necessário desmistificar as contradições entre discurso e prática, repensando e ressignificando a concepção de avaliação na educação à distância.

### **Considerações Finais**

A Educação à distância propõe uma nova possibilidade do educar, onde a interatividade e a aprendizagem colaborativa podem se consolidar como vertentes principais para a construção da aprendizagem sendo a avaliação defendida como formativa deste caminhar. Apesar de uma multiplicidade de possibilidades avaliativas à distância,

<sup>4</sup> Termo utilizado por Marco Silva para designar a obra de Oiticica (1937-1980) que rompeu a concepção de arte contemplativa e ousou uma arte em que o público complete a obra com sua intervenção, interagindo e co-criando.

proporcionadas pelos recursos tecnológicos, os docentes ainda possuem práticas arraigadas do tradicionalismo educativo valorizando apenas algumas formas de avaliação processual e interativa, como o acompanhamento dos chats e fóruns, não considerando outras maneiras de avaliar, restringindo assim seu olhar sobre este fenômeno.

Desta forma, pesquisar acerca de como está se consolidando a avaliação nos cursos de licenciatura à distância no que compete ao olhar da interatividade e da aprendizagem colaborativa como nuances para a avaliação irá possibilitar um olhar crítico acerca das lacunas que perpassam esta efetivação de um novo olhar e prática avaliativa nos ambientes virtuais permitindo assim que possamos caminhar para a superação de tais obstáculos e caminharmos para uma nova história no que tange à avaliação na EAD.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane (org). **Educação à distância**: Uma nova concepção e aprendizagem e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL/MEC. **Decreto n 5.622 de 19.10.05**. Regulamenta o art.80 da LDB n 9394, de 20.12.96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf>

CARVALHO, Maria Helena da Costa; SILVA, Janssen Felipe da; ALBUQUERQUE, Targélia. **Avaliação da aprendizagem**: da regulação à emancipação: fundamentos e práticas. Recife: Centro Paulo Freire: Ed. Bagaço, 2006.

CORTELAZZO, Iolanda B. C. Ambientes virtuais de aprendizagem: possibilidade de novas formas de avaliação. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs). **Avaliação da Aprendizagem em Educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

CRUZ, Fátima Maria L.; CAVALCANTE, Patrícia Smith. Avaliação da aprendizagem: anúncios e práticas nas abordagens conservadora e transformadora, no ensino presencial e mediado pelas tecnologias. **Revista de Educação**, Brasília n.148, 37. jul/set 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1991.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LUCENA, Carlos José Pereira de. Novas estratégias de avaliação online: Aplicações e implicações em um curso totalmente à distância através do ambiente Aulanet. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs). **Avaliação da Aprendizagem em Educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da Ead**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs). **Avaliação da Aprendizagem em Educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Marco. **Educação online**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sala de aula interativa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.